



Quando nos olha a loucura

Quando nos olha a loucura. [A loucura entre nós](https://aloucuraentrenos.wordpress.com/2015/05/08/a-loucura-entre-nos-a-partir-do-olhar-de-marcus-andre-vieira/). Maio de 2015. Disponível em:
< <https://aloucuraentrenos.wordpress.com/2015/05/08/a-loucura-entre-nos-a-partir-do-olhar-de-marcus-andre-vieira/> >

Marcus André Vieira

mav@litura.com.br

www.litura.com.br

Resumo

Resenha do documentário “A loucura entre nós, de Fernanda Vareille. Este que aposta em uma transmissão sobre o que é a loucura fora drama, do jornal ou da novela, o que é o cotidiano de um hospital psiquiátrico e de seus sujeitos em suas tentativas de inserção em nossas misérias banais.

A loucura entre nós, de Fernanda Vareille, é um documentário que tem mais de uma porta de entrada. É a história de Elisangela, paciente psiquiátrica internada no maior Hospital Psiquiátrico da Bahia, Juliano Moreira. Jovem, com filha menina e mãe firme, as três vivendo juntas. Ela cruza seu destino com outra mulher, Maria Leonor, mais velha e solitária, já internada diversas vezes, mas que no momento apenas frequenta o mesmo Hospital. Uma está agitada, desorganizada, enlouquecida, a outra aparentemente mais “dentro da casinha”, apesar de contida, tensa. Enquanto Leonor tenta organizar o jardim em mandalas perfeitas a outra só vê nisso obra do demônio e tudo desmonta. Nestes pequenos detalhes, sempre buscados pela câmera, vivemos, com ambas, as agruras do exílio da razão racional e do laço social comum e a busca por um lugar às voltas com uma singularidade que tudo desencaixa. Acompanhamos também o cotidiano do projeto Criamundo, frequentado por ambas, em seu paradoxo inicial. Concebido como geração de renda para os que têm condição de participar de um trabalho continuado, ele tenta sustentar a passagem de uma vida intramuros e outra mais adequada ao mundo externo. No entanto, se situa no interior do Hospital como uma ilha cercada de loucura por todos os lados, pois o acesso a ele é vedado aos que não trabalham no projeto e não podem entrar nas dependências ocupadas pelo Criamundo.

A câmera se deixa tomar pelos paradoxos dessas três histórias e nos propõe a todo instante uma reviravolta, já que seu olhar permite-se atravessar grades e portas por não levá-las tão a sério e demonstra como tudo depende de onde se vê. A cena inicial do filme já anuncia essa atopia do olhar. Vê-se uma cancela do ângulo de seu eixo e levamos tempo para entender do que se trata até descobrirmos que estamos entrando

em algum lugar cercado, o Hospital. Do mesmo modo, boa parte do filme transcorre com a câmera fixa nos mostrando uma porta pelo lado de dentro. É a porta do Criadundo. Do lado de fora a loucura, os pacientes. Nós, os normais estamos confinados, mas dessas grades os pacientes, internados do Hospital vão e vêm, desfilam, falam, se apresentam, se enquadram. A porta é uma janela.

Essa inversão de perspectiva é convocada diversas vezes subvertendo nossa rigidez de espectador. Não ficaremos só no Criadundo. Seremos levados a conhecer O Modulo C, a enfermaria de internação fechada, para os mais difíceis, no dia da alta de Elisângela. É ela própria que nos leva, sorridente. Novamente, a loucura se enquadra. Não só Elisângela, seus colegas de enfermaria se servem da câmera, da chance de se ver sendo visto para se enquadrar. Vários vêm aos poucos forçar sua entrada na cena, alguns só olham, outros cantam, até que todos se reúnem numa pequena multidão, cantando o hino nacional. Perturbador, raro e essencial.

Aposto que o documentário terá função importante para aqueles que queiram transmitir o que é a loucura fora drama, do jornal ou da novela, o que é o cotidiano de um hospital psiquiátrico e de seus sujeitos em suas tentativas de inserção em nossas misérias banais. O Criadundo sai do hospital e se abre à cidade, assim como Elisângela e Leonor, viveremos as grandezas e tragédias de se perder na multidão como afunda no mar ou se navega alegre.

A maior parte das cenas do documentário foi filmada na gestão de Marcelo Veras, Diretor do Hospital por dez anos. Psiquiatra, psicanalista lacaniano, grande amigo durante boa parte deste tempo realizava uma detida investigação do conceito de objeto a de Lacan construindo em torno dele sua tese de doutorado. Alguns objetos, ditos "a" por Lacan, podem ter a função paradoxal de serem lixo, fora de cena, mas ao mesmo tempo sustentarem sua ordenação da cena. Sua tese tornou-se um livro, *A loucura entre nós*. Ele narra sua trajetória como diretor e como buscava aplicar a teoria de Lacan a seu seu fazer cotidiano com a loucura. Em seu livro, Marcelo colhia as invenções cotidianas realizadas pelos pacientes, um fazer com o que cai e, no entanto, resta, o parcelar, o intersticial, o detalhe absoluto, irreciclável resto, que é reintroduzido na cadeia do discurso ou da produção para dar-lhe o tom.

O documentário é uma obra a parte, mas aposta igualmente na possibilidade de fazer laço com o que em nós é resto em um escopo mais restrito, pois elege, dentre os objetos a lacanianos, o olhar. O que no livro era sobretudo narrativa aqui é posto em ato com a câmera de Fernanda e seu olhar aparentemente submisso que realiza, porém, o desafio lacaniano de um acolhimento que não é só enquadramento, mas igualmente subversão.



BRASIL
ACQUISIÇÃO
APRESENTA



A LOUCURA ENTRE NÓS

UM FILME DE FERNANDA VAREILLE

LIVREMENTE INSPIRADO NO LIVRO 'A LOUCURA ENTRE NÓS' DE MARCELO VERAS

